

EDUCAÇÃO E ENFRENTAMENTO: POSITIVANDO OLHARES PARA O MOVIMENTO HIP HOP

Letícia Souza Santos¹
Jaileila de Araújo Menezes²

RESUMO: O presente artigo tem como objeto de estudo as contribuições do movimento *hip hop* na construção do caráter crítico e empoderado dos jovens que atuam nesse contexto. Tendo como objetivo geral a identificação da colaboração das práticas educativas existentes no movimento e de que forma elas podem ser fator de enfrentamento às desigualdades, tendo como objetivos específicos a localização e problematização das relações entre práticas educativas formais e as existentes no movimento hip hop; e mudanças pessoais e mecanismo de enfrentamento às desigualdades sociais. A metodologia utilizada foi qualitativa com coleta de dados, através de entrevistas semiestruturadas feitas com jovens atuantes no movimento social em questão. Através dessas entrevistas demos seguimento as fases da entrevista, transcrição, leitura flutuante e categorização das análises, havendo um olhar crítico sobre os acontecimentos presentes na esfera do movimento hip hop recifense de forma positivada para as práticas educativas presentes nas diferentes formas de expressão cultural e artística e visualizando a forte presença das lutas contra desigualdades sociais, criação de consciência crítica, autonomia e formação de identidade coletiva através do movimento.

Palavras-chave: Movimento *Hip Hop*. Práticas Educativas. Juventude(s). Desigualdades Sociais.

1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem como temática a educação e suas práticas, visando um aprofundamento em relação aos movimentos sociais, especialmente para o movimento *hip hop* como contexto educativo. Este estudo entende tal movimento como de caráter de desenvoltura em relação às lutas diárias de identidade, de desigualdade racial, econômica, e, também como fator de construção da criticidade e autonomia, principalmente na vida dos jovens periféricos e atuantes do movimento.

¹ Concluinte 2019.1 do Curso de Pedagogia - Centro de Educação - UFPE.
E-mail: lety_ss@hotmail.com

² Professora Associada do Departamento de Psicologia e Orientação Educacionais - Centro de Educação - UFPE.
E-mail: jaileila.araujo@gmail.com

A pesquisa é relevante pela necessidade de refletir e discutir a importância desse contexto cultural durante a vivência dos participantes, visando como tal movimento pode ter influências em suas vidas. Por conseguinte, será possível obter um olhar aprofundado e positivado para as práticas educativas existentes no movimento hip hop, que é comumente estigmatizado pela sociedade e majoritariamente composto por residentes de periferias das cidades.

Visando o movimento como um contexto educativo, há o entendimento sobre o estado da arte a partir do tema e a percepção de que com a inserção das práticas artísticas advindas do *hip hop*, existem benefícios para quem às pratica e também para as comunidades em que se fazem presentes estas expressões. Há espaço para o desenvolvimento dos jovens de forma significativa em relação às realidades vivenciadas ao longo de suas trajetórias, aprimorando assim o pensamento crítico e um campo de atuação contra as desigualdades.

Ao trabalhar com as artes, envolvemos o aluno em um contexto social, onde ele amplia conhecimentos e se torna um cidadão do mundo, permitindo que crie ideias, invente, construa e quebre a barreira de uma nova língua. A arte cria uma linguagem universal e convida a todos a participar (MELO, 2018).

Tendo em vista a temática da presente pesquisa, foi necessária a realização de uma busca no banco de teses e dissertações do Centro de Educação da UFPE, a fim de contextualizar o objeto de pesquisa e buscar situar-se no campo. A busca se deu pelas palavras-chave: movimento hip hop e educação.

Ao longo da referida busca, ficou enfatizada a carência de discussões referentes ao tema, pois foram encontrados apenas dois trabalhos que tem relação com o movimento hip hop e a educação como formadora de caráter crítico e autônomo. Uma submetida ao mestrado em sociologia, em 2004 e a outra submetida ao mestrado em educação, em 2015.

Um dos trabalhos foi à dissertação de Silvia Gonçalves Paes Barreto (2004), intitulada “Hip-Hop na região metropolitana do Recife: Identificação, Expressão Cultural e Visibilidade” que tem como problematização a forte presença do hip hop na região metropolitana do Recife, visando à fertilidade encontrada na cena através dos diversos residentes das periferias. A pesquisa de Barreto (2004) é qualitativa e teve como procedimento de coleta de dados entrevistas semiestruturadas. Para a autora, o hip hop é tido como vetor de identificação que combina referenciais

múltiplos, fazendo da periferia um lugar de orgulho e representatividade de cor, valorização de origem e lugar de pertencimento, e principalmente, fazendo o hip hop um instrumento de conquistas de novos espaços de expressão e visibilidade.

O segundo trabalho encontrado, a dissertação de Renata Paula dos Santos Moura (2015), tem como título “Novos Olhares, Novas Costuras... O movimento Hip Hop e suas Práticas Educativas na Escola” teve como problemática de pesquisa o jovem protagonista e a possibilidade de criação de um espaço reflexivo sobre o estudante como corresponsável no processo educativo, relacionando os conteúdos de sala de aula com as diferentes realidades para tornar a prática educativa mais proveitosa e compreensível. A pesquisa de Moura (2015) é qualitativa e de inspiração etnográfica, desenvolvendo um estudo de caso em uma escola pública estadual de ensino médio localizada na cidade do Recife, escolhida justamente pela forte expressão do hip hop. Deste modo, fica o entendimento que a relação entre a cultura de rua e a escola somente é possibilitada com uma abertura para a comunidade, assim como para projetos sociais que precisam, sobremaneira, do apoio decisivo da gestão escolar, que é fundamental para que ocorram as ações artísticas, atuando como mediação entre escola e possíveis projetos sociais.

Assim, tendo o conhecimento a partir da pesquisa no banco de teses e dissertações, possibilitou o entendimento de que o referido assunto ainda é pouco falado, sendo assim, há relevância de pesquisar este tema. Visando o fortalecimento do movimento hip hop nesta área de atuação, a problemática adotada nesta pesquisa foi “De que forma as práticas educativas do movimento *hip hop* podem colaborar para o desenvolvimento crítico e autônomo dos jovens que tem acesso a essa cultura?”.

A pesquisa tem como objetivo geral compreender como as práticas educativas do movimento *hip hop* podem colaborar no enfrentamento das desigualdades sociais vividas pelos jovens do Recife, tendo três tópicos como objetivos específicos: Investigar se os jovens vivenciaram alguma mudança pessoal a partir da inserção no movimento *hip hop*; Analisar as práticas educativas desenvolvidas no contexto do movimento *hip hop*; Identificar se há diálogo entre as práticas educativas que os/as jovens vivenciam em contextos formais e no movimento *hip hop*.

O trabalho conta com depoimentos de jovens que participam do movimento hip hop no Recife, sendo três mulheres e quatro homens, totalizando sete entrevistados. Quatro deles inseridos também em instituições formais. A pesquisa tenta compreender se os indivíduos perceberam mudanças em suas vidas através da inserção no movimento, quais as contribuições em suas reflexões e aprendizagens críticas que tais expressões culturais possibilitaram e quais os diálogos (im)possíveis entre o campo da educação formal e não formal.

A partir da minha proximidade com o movimento *hip hop* e com as idas aos eventos do movimento, pude, através dessa vivência e interação com o grupo social no qual praticava os elementos do hip hop, compreender a importância, tanto para mim quanto para a sociedade, sobre a desmistificação e desmarginalização sobre os movimentos sociais como prática educativa em diversos contextos. Desta forma, destaco a importância da coletividade com um olhar para o referido movimento, tratando das diferentes formas de arte e ensino-aprendizagem que estão inseridos na realidade vivida por muitos jovens periféricos, sendo assim, entendo a gama educacional fornecida nas escolas por onde passei, seriam muito mais proveitosas se houvesse uma aproximação com as diferentes realidades vividas, podendo assim haver uma contribuição para a diminuição da evasão escolar. Por fim, faz-se uma relação entre as práticas educativas formalizadas e as práticas adotadas pelo movimento hip hop, e como tais práticas podem ser de extrema importância para a melhoria de vida dos jovens que têm acesso a elas.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 JUVENTUDES PERIFÉRICAS E CONTEXTOS DE EDUCAÇÃO FORMAL, NÃO FORMAL E INFORMAL

Quando discutimos sobre práticas educativas logo nos vem à mente o âmbito escolar, onde se assumiu durante tantos anos que fosse o único espaço de ensino-aprendizagem possível, trazendo suas formas tradicionais e engessadas de atuação. A concepção de educação formal implica nas seguintes padronizações:

Ela depende de uma diretriz educacional centralizada como o currículo, com estruturas hierárquicas e burocráticas, determinadas em nível nacional, com órgãos fiscalizadores dos ministérios de educação. (GADOTTI, 2005, p. 2).

Entende-se esta forma de educação como estruturada, sequencial e proporcionada pelas instituições escolares e universitárias. Como citado também por Gadotti (2005), a educação é um dos requisitos fundamentais para que os indivíduos tenham acesso ao conjunto de bens e serviços disponíveis na sociedade capitalista.

Para muitos jovens inseridos no meio periférico e marginalizados pela sociedade burguesa, veem-se ainda nos dias de hoje que há um pensamento enraizado sobre aqueles que vivem em periferias, pois são vistos como “coitados” e não se espera que estes jovens tenham um futuro de grandes conquistas. Supõe-se também que o único meio de superação das dificuldades, principalmente econômica para tais jovens é advindo das práticas educacionais formais. Tendo em vista que para diversos brasileiros, a realidade vivida por eles os fazem pensar em seus diplomas de conclusão de ensino médio para alcançar o sucesso e (ou) o também famoso curso profissionalizante, que os fazem pensar somente em conseguir um emprego para sustentar-se.

A partir desse pensamento, surgem outros, como a não suficiência do diploma para ser “bem-sucedido”, pois atualmente para haver um futuro profissional promissor percebe-se a necessidade de um nível superior de ensino, principalmente para a juventude periférica, pertencentes às camadas inferiores da economia do país, que vivenciam uma série de dificuldades ao longo de suas trajetórias, como por exemplo, a comum falta de herança cultural desses jovens.

Quando se fala de educação, atualmente não nos fechamos somente para os contextos formais de ensino e sim pensamos na concepção de todas as formas educacionais (educação formal, informal e não formal), assim abrangendo um leque maior de possibilidades de aprendizagens e ensinamentos. Conforme Afonso (1992), a educação informal ocorre nos espaços de possibilidades educativas no decurso da vida dos indivíduos, como família, tendo assim, caráter permanente.

Ao longo de toda vida passamos por momentos de aprendizagem, se estamos na esquina e ouvimos algo que não tínhamos conhecimento, se estamos em um bar e fazemos reflexão sobre determinado assunto, se conversamos com nossos pais, nossos amigos, estamos sempre em constante movimento de aprendizagem.

Há também a realidade de muitos desses jovens periféricos não terem condições de se manterem nas escolas, por falta de dinheiro para a passagem do ônibus, por necessitarem trabalhar em meio período para ajudar a sustentar a casa, podendo ocorrer também um choque em seus horários de aulas, que podem acontecer em dois turnos. Assim, comumente não se sentem parte do âmbito educacional por falta de uma proximidade do conteúdo escolar com as diferentes realidades vividas pela juventude periférica, por exemplo.

Ainda existem nos dias de hoje uma grande evasão nos âmbitos educacionais formais por conta da frequente falta de representação nesses espaços. Como a comum falta da representatividade negra ou indígena, que são uma temáticas garantidas por lei a serem implantadas no decorrer do calendário letivo. Porém, ainda há uma falta de inserção das referidas temáticas no transcurso do ano, havendo geralmente uma lembrança apenas nos dias comemorativos referentes a cada contexto. Relacionamos assim às práticas engessadas e a herança de exclusão histórica que repercutem muitas vezes nesse desconforto dos alunos em relação aos espaços escolares formalizados.

Vemos no entanto, que a partir dos estudos culturais compreende-se que a educação não é sinônimo de escola, pois a partir da perspectiva dos estudos culturais a educação passa a valorizar a cultura e os sujeitos, tendo assim uma abertura para o hip hop tornar-se educativo, visando à relação da prática do movimento com as práticas educacionais, uma vez que leva em consideração o contexto dos sujeitos e os impulsiona a tornarem-se críticos, autônomo e haver uma construção identitária. Desse modo “Tal como a educação, as outras instâncias culturais também são pedagógicas, também têm uma ‘pedagogia’, também ensinam alguma coisa.”, como assinalado por Silva (2017, p.139).

Visando a utilização das práticas educativas em contextos não formais, podemos introduzir a concepção utilizada por La Belle (1982) que define a “educação não formal” como toda atividade educacional organizada, sistemática, executada fora do quadro do sistema formal para oferecer tipos selecionados de ensino a determinados subgrupos da população.

Com um desejo de impulsionar a fala da “sociedade carente” em algum aspecto, os movimentos sociais são de extrema importância e necessidade, principalmente nas periferias das cidades, onde comumente necessita-se de

melhorias para a condição de vida dos seus habitantes. Os grupos de indivíduos participantes do movimento *hip hop* têm o intuito de articular, elaborar e lutar por soluções que implicam alguma mudança sobre determinada necessidade das diferentes comunidades.

Os espaços onde se desenvolvem ou se exercitam as atividades da educação não formal são múltiplos, a saber: no bairro-associação, nas organizações que estruturam e coordenam os movimentos sociais, nas igrejas, nos sindicatos e nos partidos políticos, nas Organizações Não Governamentais, nos espaços culturais, e nas próprias escolas, nos espaços interativos dessas com a comunidade educativa etc. (GOHN, 1999, p. 101).

Há uma necessidade do pensamento coletivo sobre determinados assuntos, que implicam na inserção da temática como contexto educacional para a comunidade envolvida em questão, transformando muitas vezes um assunto que é marginalizado em uma prática educativa extremamente proveitosa para os envolvidos nessa socialização.

Como afirmado por Libâneo (2010, p. 87) “os meios de comunicação social são forças que operam e condicionam a prática educativa”, logo, não há motivos para não existir um aproveitamento desses momentos que podem ser apenas de descontração, e então transformá-los em um grandioso aprendizado, inserindo práticas educacionais fora do contexto escolar.

Deste modo, pode-se haver um aproveitamento da disposição do jovem, tendo em vista que alguns deles se sentem desmotivados para frequentarem as escolas, por poderem nelas haver práticas engessadas e não autônomas.

2.2 O HISTÓRICO DO MOVIMENTO HIP HOP E O COMPROMISSO COM A DENÚNCIA SOCIAL

Historicamente, o movimento hip hop sempre foi visto como um movimento marginalizado, onde seus praticantes eram majoritariamente pessoas negras e periféricas. Este movimento se deu origem nos anos 1970, nos Estados Unidos, mais precisamente em NY, nos bairros do Brooklyn, Queens e Bronx, mundialmente conhecidos por serem bairros de subúrbio, onde a maioria de seus habitantes tem baixas condições econômicas, como dito por Costa e Menezes (2009).

Estes bairros também são muito conhecidos por terem sido o berço do hip hop. O Bronx era tido como carente em diversos níveis, como por exemplo, o lazer, tendo para os seus residentes apenas as ruas como diversão, instigando assim as diversas formas de exprimir as artes advindas do hip hop nas ruas.

O movimento hip hop sempre foi visto a margem da sociedade, onde suas práticas eram observadas como uma espécie de perigo para a sociedade, havendo uma mistificação das expressões culturais advindas dessa prática e também uma negação sobre a sua forte importância na luta contra as desigualdades sociais como ação de cunho político e extremamente denunciatório.

Essas práticas eram vistas como marginalização dos patrimônios públicos quando se falava de grafite; e incitação à violência quando relacionadas ao rap, essas expressões eram tidas como escória social, tendo sempre o preconceito por ser um movimento majoritariamente de luta de classe e de raça.

Portanto, atualmente há um maior entendimento de que o movimento hip hop além de artístico, denunciatório e cultural é também educativo e pode ser utilizado dentro e fora dos âmbitos escolares como movimento político e de atuação causas das discrepâncias encontradas na sociedade. Buscando por políticas públicas de qualidade e que elas possam atender as necessidades de cada comunidade em questão, pode-se dizer que a partir da socialização dos indivíduos há um processo educativo, como visto por Libâneo (2010), quando afirma que o caráter crítico-social da educação advém das relações mútuas que ocorrem em meio às relações sociais reais, existentes numa determinada sociedade.

O movimento hip hop tem presente nele um conjunto de expressões culturais, tais como: o break, que conta com os “b-boys”, nome dado aos dançarinos do ritmo; as discotecagens (dj); o rap, que conta com os mc’s de rima improvisada e os mc’s de rima compostas; e o grafite. Além dessas práticas, há uma associação delas com o conhecimento.

Esse elemento nomeado como conhecimento, visa preservar a história dos antepassados e a conexão dos jovens envolvidos com as lutas dos direitos civis travadas pelo povo afro-americano via construção de uma nova cultura, que favoreça a tomada de consciência da desigualdade social e a luta contra as discriminações e desigualdades. Desse modo, as expressões culturais no movimento Hip-Hop ganharam feições de protesto, demonstrando capacidade de organização dos grupos e de atuação comunitária, além de constituírem uma

relação ambígua com a indústria cultural. (COSTA & MENEZES, 2009, p. 200)

Essas expressões artísticas acabaram virando disputas territoriais, que acontecia recorrente aos indivíduos que muitas vezes estavam envolvidos no movimento hip hop e ao mesmo tempo também estavam inseridos nas gangues de bairro, de tráfico e etc. causando alguns desentendimentos com seus rivais.

Com a intenção de amenizar essa relação e diminuir o índice de brigas advindas das disputas de gangues, foi proposto que houvesse batalhas artísticas com algumas regras e sem violência, e, geralmente trazendo como tema uma problemática social, ou seja, política ou de ações humanas.

[...] Cultura seria uma série ou conjunto integrado de valores, significados, crenças, símbolos, etc., mutuamente compartilhados por um grupo social, por meio do qual um grupo assume uma forma específica de existência material e social, histórica e geograficamente situada. (IORIS, 2007, p. 45)

Deste modo, dá-se espaço para essas expressões artísticas agirem da forma que melhor seria aceita pela sociedade, na qual aponta principalmente a existência das desigualdades sociais, trazendo à tona toda a revolta de um grupo com a realidade vivida por muitos marginalizados pela sociedade civil e também a busca de identidade pessoal de cada um dos envolvidos, muitas vezes há apenas a vontade de produzir e externar sua arte, porém, também a fim de tomar consciência, criticidade e conseqüentemente ocupar seus lugares por direito.

2.3 O MOVIMENTO HIP HOP COMO CONTEXTO DE PRÁTICAS EDUCATIVAS

O movimento *hip hop* é um movimento majoritariamente composto por jovens periféricos, negros e pobres, tendo assim muitas vezes alguns que podem estar em condição de marginalização social. Habitualmente pode ser estigmatizado, e geralmente é esperado pela sociedade que esse jovem deva tomar um rumo e que possa haver uma necessidade de ressocialização desse indivíduo que é tido comumente como perigo social.

Uma forma de criação da consciência crítica é a entrada no movimento *hip hop*, no qual o indivíduo possa se sentir incluso e útil de alguma forma para a sua comunidade ou para quem os cerca, adquirindo conhecimento histórico, político e

principalmente de identidade coletiva. Ou, apenas sentir-se bem por estar presente atuando na cena e sendo praticante de algum elemento do movimento, artisticamente produzindo e compartilhando suas produções.

Podemos assim associar o movimento hip hop como uma prática pedagógica muitas vezes utilizada nas conjunturas não formais de ensino, ocasionalmente há uma aprendizagem muito proveitosa advinda de alguma prática utilizada no contexto do hip hop. Como por exemplo, um grafite feito na esquina de sua casa, que pode ter um grande efeito asseverativo por retratar a realidade vivida por muitos brasileiros, podendo haver uma crítica ao governo, ou, apenas lhe dá um gás para continuar a luta diária. Havendo também a possibilidade de inserção de tal movimento social nos âmbitos escolares, ou seja, nas escolas ou universidades.

Nota-se que ao decorrer dos anos, as práticas advindas do movimento, seriam críticas, de conhecimento, de afirmação e principalmente de luta e resistência.

Abre-se também uma porta para que suas práticas sejam vistas como um contexto educativo, sendo assim, o que chamamos aqui de práticas educativas dentro do movimento hip hop são os processos de aprendizagens em torno da construção cidadã dos indivíduos e em suas mudanças sociais a partir do movimento, como citado pelas autoras Menezes, Costa e Ferreira (2010). Uma vez que a aprendizagem está presente em todos os âmbitos em que podemos ter acesso, há uma necessidade de aproveitamento desses espaços para o nascimento de uma criticidade dos indivíduos que fazem parte de qualquer grupo social, isto incluiu o movimento hip hop, que é comumente visualizado na educação informal e não formal, porém também há a importância de implanta-lo no âmbito formal.

[...] há formas de cultura que são adquiridas fora da escola, fora de qualquer auto-afirmação metódica e teorizada: [...] elas nascem da experiência direta da vida; vai-se a elas seguindo o impulso da curiosidade e do desejo; é isto que eu chamarei 'cultura primeira'. (SNYDERS, 1981, p. 3)

Como dito anteriormente, geralmente há uma perda de aproveitamento de um momento que pode ser reflexivo por não conter uma relação das teorias utilizadas pelo mediador, não havendo comumente uma ligação com as diferentes realidades vividas pelos jovens, o que poderia facilitar nas práticas utilizadas por eles e também auxiliar na diminuição da evasão dos estudantes.

As práticas pedagógicas devem ser pensadas de uma forma democrática e de resistência, utilizando-se das pedagogias culturais e das suas diferentes formas de atuação, visando o aluno como protagonista. Pois como vemos na fala de Albuquerque (2007), em qualquer sociedade humana, o que caracteriza a produção cultural sempre foram misturas, os hibridismos, as mestiçagens, as dominações, as hegemonias, as antropofagias, ou seja, as relações sociais de um modo amplo.

Picolotto (2007), também afirma que os movimentos, na medida em que alargam os seus limites, modificam regras, criando novas formas de participação e mudanças na cultura, através da produção de novas linguagens e valores. Traz assim a importância da constante atualização das formas de ensino-aprendizagem para os praticantes, seja na mediação ou na recepção.

Para finalizar a rede de pensamentos, há a ênfase de que esses movimentos criam uma nova mentalidade antes de tudo, uma nova cultura política, como afirmada por Scherer-Warren (1987), havendo assim uma percepção desses movimentos como enfrentamento ao poder central, principalmente quando se fala na busca pelo desenvolvimento de criticidade e autonomia dos indivíduos no enfrentamento contra as desigualdades sociais.

3. METODOLOGIA

A referente pesquisa se classifica no contexto da metodologia qualitativa, que visa à busca de respostas para as razões de determinadas condutas, motivações, engajamentos, a fim de investigar o que leva os sujeitos a terem determinadas reações. Como visto na fala de Dezin & Lincon (1994), os pesquisadores qualitativos estudam as coisas no seu “*setting*” natural, tentando dar sentido ou interpretar fenômenos em termos dos significados que as pessoas lhes trazem.

O procedimento utilizado foi à coleta de dados com a utilização de uma entrevista semiestruturada, com quatro perguntas disparadas: No seu entendimento, há o desenvolvimento de práticas educativas no movimento *hip hop*?; Se sim, você acha que as práticas educativas do movimento *hip hop* podem ou não colaborar no enfrentamento das desigualdades sociais?; Você percebeu alguma mudança pessoal a partir da sua inserção no movimento?; Você percebe alguma diferença das atividades educativas realizadas na instituição de ensino (escola/universidade) e as realizadas no contexto do movimento?; Este tipo de metodologia visa dar

profundidade aos relatos dos atuantes, revisitando suas memórias e reavivando sentimentos e lembranças de vida.

Tendo em vista a natureza da investigação, houve necessidade de tempo, cautela e sensibilidade às escutas e leituras dos relatos apresentados.

Ocorreu assim a seleção de fragmentos das respostas dos entrevistados que se aproximavam das questões focadas pelos objetivos do presente artigo, assim criando as categorias de análises. Segundo Minayo (1994), as categorias são utilizadas para a classificação e categorização. Ou seja, agrupar respostas, expressões e sistema de ideias sobre determinado assunto, a fim de conceituar tais pensamentos a vista sobre tal, sendo elas: (a) Práticas Educativas; (b) Enfrentamento às Desigualdades Sociais; (c) Mudanças Pessoais. Com este espectro e a importância de trazer partes das falas de todos os sujeitos, foi criada uma tabulação em que se trabalha a visão dos entrevistados sobre cada questionamento feito.

3.1 CARACTERIZAÇÕES DO CAMPO DE PESQUISA:

As referidas entrevistas inicialmente seriam realizadas em uma ONG voltada para as ações sociais de uma forma mais inclusiva e ocupacional através das artes de rua, localizada em uma comunidade do Recife. Houve o primeiro contato com a atual coordenadora geral do movimento e o conhecimento do local que seria utilizado para a realização das entrevistas, foi conversado o que seria feito e o período em que poderiam ocorrer os encontros. Porém, por motivos de força maior, a referida ONG não realizou atividades e oficinas ligadas ao movimento hip hop durante o período combinado para a coleta de dados da presente pesquisa e também não havia estimativa de prazo para retomar tais atividades. Aproveitamos o evento realizado em comemoração aos 10 anos da referida ONG para a aproximação e primeiro contato com alguns envolvidos no movimento hip hop que aceitaram ser entrevistados e também indicaram colegas para a pesquisa.

Assim sucedeu-se a mudança de alguns dos critérios antes estabelecidos, como o fato de que as entrevistas seriam unicamente com indivíduos inseridos no movimento hip hop (atuantes) e ao mesmo tempo inseridos em âmbitos educacionais formais. Identificamos também a dificuldade em encontrar esses

sujeitos de pesquisas antes almeçados, pois a realidade vivida por muitos dos atuantes no movimento *hip hop* muitas vezes os faz dar prioridade ao trabalho e deixar os estudos formalizados de lado.

3.2 OS SUJEITOS DA PESQUISA:

QUADRO - Caracterização Dos Sujeitos			
Sujeito	Idade	Escolarização	Local Onde Mora
MU1	23	Atualmente não inserido em âmbito educacional formal	Rio Doce
HO2	20	Estudante: Concluínte do ensino médio	Barra de Jangada
IR3	25	Atualmente não inserido em âmbito educacional formal	Candeias
MK4	23	Estudante: Técnico em Elétrica	Boa Vista
FR5	20	Estudante: Técnico em Logística	Vitória de Santo Antão
RQ6	24	Atualmente não inserido em âmbito educacional formal	Peixinhos
DR7	28	Atualmente não inserido em âmbito educacional formal	Rio Doce

Fonte:
Elaborada
pela
pesquisadora
a partir das
entrevistas
realizadas -
2019

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 O HIP HOP E SUAS PRÁTICAS EDUCATIVAS

Através das entrevistas realizadas, foi possível colher alguns trechos das falas dos sujeitos através da pergunta “No seu entendimento, há o desenvolvimento de práticas educativas no Movimento Hip Hop?”, a fim de identificar a existência ou não das práticas educativas no movimento hip hop, como vemos no quadro a seguir:

QUADRO 1 – Percepção de Práticas Educativas no Movimento Hip Hop		
Sujeitos	Presente no Movimento	Visão dos Sujeitos
MU1	SIM	“... eles surgiram pra dar emprego... dar emprego e educação pra uma galera que não tinha condições de

		ter nada...”.
HO2	SIM	“... incentiva as crianças e os adolescentes a estudar, a manter eles junto do movimento...”.
IR3	SIM	“Sim, com certeza existe sim. Um lado muito desenvolvido de informação, de muita coisa...”.
MK4	SIM	“... o hip hop em si ele educa... hip hop é arte, é cultura, é educação, é compromisso...”.
FR5	SIM	“... não só ensina você a rimar, dançar, grafitar, riscar disco... Mas ensinam também pra vida...”.
RQ6	SIM	“as práticas educativas vêm através do desenvolvimento do ser humano... a importância do movimento hip hop dentro das comunidades implica principalmente no viés educacional e que a gente traz outros olhares, outros pontos de vista e outras formas de praticar educação...”.
DR7	SIM	“... se você participar de qualquer um dos quatro elementos e você não tiver o conhecimento do que você tá fazendo, você não é ninguém.”

Fonte:
Elaborada
pela
pesquisadora
a partir das
entrevistas
realizadas -
2019

Diante da exposição feita, fica entendido que todos os sujeitos concordam unanimemente que sim, de fato as práticas educativas ocorrem dentro do movimento hip hop através da vasta socialização e influências do meio em que se vivem, sendo assim a prática exercida pelos MC’s, DJs, B-BOY’s e grafiteiros. Porém as falas são distintas sobre essas práticas, mas, ainda com as distinções, fica evidenciado que há a produção e também a transmissão de saberes via hip hop, se pode basear nas falas de Libâneo (2010) a partir da socialização quando condiciona as práticas educativas e com isso entende-se que o movimento é de caráter educativo por si só, tendo a necessidade de conhecimento do que se pratica como expressado por DR7.

A partir dos objetivos vistos no início do artigo, surgiu também a pergunta em questão das diferenciações e ligações sobre os espaços onde ocorre o ato de educar, como: “Você percebe alguma diferença das atividades educativas realizadas na instituição de ensino (escola/universidade) e as realizadas no contexto do movimento?”, as respostas dos sujeitos direcionam a pesquisa para alguns vieses, um deles é a censura do movimento, como visto nas falas:

[...] O que é passado nas instituições de ensino é irado e a gente precisa propagar isso, mas existe muita diferença sim, porque tem o lance do hip hop na rua ser rua de verdade e a

gente é livre pra fazer o que quiser... E dentro das instituições de ensino, ou seja, de escola ou faculdade, muita coisa é censurada do que é o hip hop. (MU1, 2019)

Sim existe diferença sim, com certeza. Assim como do lado educacional mesmo, escola e tal, essas coisas, que não demonstram muita realidade e com o hip hop mostra, na cara mesmo, exposto a realidade mesmo. (IR3, 2019)

Entende-se assim a existência de um importante debate sobre a falta de diálogo entre as experiências cotidianas dos jovens em espaços públicos com a realidade vivida por esses jovens na escola.

Com essas falas fica evidenciada a necessidade de abertura para as práticas utilizadas pelo movimento exporem o que precisa ser dito, a verdade a ser demonstrada para o conhecimento das demandas de grupos socialmente marginalizados, como afirmado por MU1, que “são práticas que explanam a verdade nua e crua, porque o movimento é nu e cru, sem haver uma elitização”.

Outro fator apontado foi a não existência da distinção das práticas educativas em relação aos âmbitos educativos, uma vez que a educação encontra-se presente em diferentes locais, horas e grupos sociais, seguindo o pensamento de educação afirmado por Libâneo (2010).

Assim podemos conferir nas falas dos sujeitos:

[...] O hip hop tem essa sacada massa da prática educativa porque a gente faz tudo sem muita teoria e dentro da periferia, a prática é mais efetiva do que a teoria. Porque a gente não tem a inserção à teoria, a gente não tem a possibilidade de aprender pela teoria porque a gente não é educada pra isso e por isso que as práticas do hip hop elas se adequam muito bem as nossas realidades. Porque a gente tem que aprender na prática como a gente sempre aprende, apanhando. É muito rica essa questão da prática, porque além da gente aprender fazendo, a gente consegue aplicar isso em curto espaço de tempo e repassar essa prática pra outras pessoas e o crescimento do sentimento coletivo é muito forte. (RQ6, 2019)

Porque se você dança, ou se você grafita, ou se você faz rap ou se você é dj, se você participar de qualquer um dos 4 elementos e você não tiver o conhecimento do que você tá fazendo, você não é ninguém. Você não é grafiteiro, você não é nada. Porque você não tem o conhecimento do que você tá fazendo, por isso que ele bota como o quinto elemento. Porque a gente, preto, a gente tem que ter, infelizmente, a gente tem que ter um ponto de segurança, pra que a gente não acabe se prejudicando, porque a gente sempre se prejudica no final. (DR7, 2019)

Entende-se que o movimento não se separa das aprendizagens que os envolvem e que interferem diretamente nas vivências educativas de cada ser, pois o *hip hop* é algo artístico, é algo cultural e também político-contestador. Sendo assim, através da perspectiva dos estudos culturais, a cultura é vista como pedagogia e a pedagogia é vista como uma forma cultural. Assim, o cultural torna-se pedagógico e vice e versa. Segundo Silva (2017, p. 139), “é dessa perspectiva que os processos escolares se tornam comparáveis aos processos de sistemas culturais extraescolares”.

A partir dos pensamentos dos referenciais teóricos vistos no início do artigo, reafirmando também o fator das relações sociais em seus múltiplos espaços e durante o percurso da vida como troca de saberes a partir da linha de pensamento de Gohn (1999), nota-se que o impacto em relação a evasão escolar, ocorre geralmente pelas instituições formais não levarem em consideração os conhecimentos e a realidade de vida dos alunos. Portanto, causando um desinteresse por parte dos mesmos ou uma aproximação. Contudo, a partir do momento em que se leva em consideração essas vivências, desperta-se assim o interesse dos alunos e se evita a evasão nos âmbitos educacionais formalizados.

4.2 O HIP HOP E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O ENFRENTAMENTOS ÀS DESIGUALDADES SOCIAIS

Como esperado previamente, ficou perceptível que há sim uma grande presença do caráter de enfrentamento às desigualdades sociais vivenciadas pelos jovens atuantes no movimento hip hop do Recife.

Ao responderem a segunda pergunta da entrevista realizada “Você acha que as práticas educativas do movimento hip hop podem ou não colaborar no enfrentamento das desigualdades sociais?” fica evidenciado no quadro a seguir que as respostas não foram unânimes, pois, dois entrevistados ressaltam a existência de outro fator:

QUADRO 2 – Percepção de Enfrentamento às Desigualdades Sociais		
Sujeitos	Presente no Movimento	Visão dos Sujeitos
MU1	SIM	“Sim, no fim das contas é o financeiro que conta, tá ligado? No fim das contas o que se pesa pra uma

		sociedade, tá ligado? O hip hop dá emprego “pô”, e o emprego acaba com a desigualdade...As desigualdades acabam a partir daí mano. Quando você é alguém. Quando você não é ninguém você é desigual, tá ligado?”.
HO2	SIM/ NÃO	“Pode sim, porém no movimento de hoje eu não acho que eles estão puxando para as desigualdades sociais...”
IR3	SIM/ NÃO	“Algumas sim e outras não, tá ligado?... Nem todas são ao lado influenciadoras.”
MK4	SIM	“Oxe, mas é lógico mano. A voz mais forte da rua é a voz do hip hop, se tu pegar um só som de sei lá, qualquer mc ou grupo tu vai ver que eles tão ali gritando... É sempre atrás de alguma parada que não tá chegando ali pra aquela galera...”.
FR5	SIM	“... A gente forma pessoas, e no fato da gente formar pessoas, a gente já tá cutucando quem tá lá em cima e já tá mudando essa desigualdade social de alguma forma.”
RQ6	SIM	“Com certeza, essas práticas ajudam no enfrentamento porque, como eu tinha ressaltado antes, ajuda no crescimento do pensamento, sobre si, e sobre o coletivo, sobre a comunidade.”
DR7	SIM	“... Antes eu nem pensava em trabalhar em um órgão público, hoje em dia eu “tô” aqui praticamente como a presidente daqui. Próxima eleição eu “tô” indo pra presidente. Por quê? Porque o hip hop abriu a minha mente...” ³

Fonte:
Elaborada
pela
pesquisadora
a partir das
entrevistas
realizadas -
2019

Com as falas de dois dos sujeitos emergiu a questão sobre a falta de comprometimento com o fator denunciatório das desigualdades existentes por parte de muitos dos atuantes nos últimos anos. Como visto nos relatos deles:

[...] Existe muito rap também, muito hip hop que além de ser cultural e tal, influencia muita coisa que é meio precário pra sociedade, tá ligado? Não é necessariamente o que a gente precisa, então algumas práticas sim influenciam e outras não. (IR3, 2019)

[...] Eu acho que o movimento tem ficado fraco, porque é para espelhar os mais novos e mostrar a eles todos os problemas que enfrentamos e que logo mais eles irão enfrentar. As desigualdades, os preconceitos... Mas a prática do movimento

³ A entrevistada trabalha atualmente como diretora em uma associação de moradores e na próxima eleição se candidatará à presidência.

é incentivar a criançada e não é isso que acontece. (HO2, 2019)

A preocupação com essa falta de comprometimento de alguns atuantes fica evidente a partir desses relatos, pois se percebe a angústia de haver um relapso em um movimento social voltado para reivindicações comunitárias.

Atualmente o fator denunciatório existente no movimento vem ficando de lado quando falamos do hip hop. Havendo também um olhar voltado para a moda do movimento, evidenciando o estilo de se vestir, ganhando assim uma proporção maior do que as lutas contra as desigualdades da sociedade, ou seja, sem um comprometimento com essa denúncia. Hoje em dia alguns atuantes da cena induzem os ouvintes a coisas fúteis e a marginalização do próprio movimento em várias vertentes, como por exemplo, quando há um olhar de aceitação para o uso de entorpecentes.

Antigamente era fortemente visto o fator de luta, instigando a parcela excluída dos benefícios sociais a ir conquistar seus espaços de direito e também perpassando a importância do conhecimento. Como assinalado por HO2, “a leitura, a história do mundo, poemas, grandes escritores, grandes mentes que o país teve e também a luta contra preconceitos”. Desse modo, fica assim compreensível o valor do incentivo ao conhecimento, ao apoio à leitura dentro das práticas educativas existentes no movimento hip hop, coadunando com esse pensamento, temos Silva (2000) quando aborda o tema de educação popular:

Refere-se a uma gama ampla de atividades educacionais cujo objetivo é estimular a participação política de grupos sociais subalternos na transformação das condições opressivas de sua existência social. Em muitos casos, as atividades de “educação popular” visam o desenvolvimento de habilidades básicas como a leitura e a escrita, consideradas como essenciais para uma participação política e social mais ativa. (SILVA, 2000 p.48)

Ainda que haja preocupações sobre este fator exposto acima, não se anula a forte presença das lutas nas raízes do hip hop, as falas positivas prevalecem grandiosamente às negativas, como visto nos demais fragmentos:

[...] A gente forma pessoas, e no fato da gente formar pessoas, a gente já tá cutucando quem tá lá em cima e já tá mudando essa desigualdade social de alguma forma. (FR5, 2019).

O movimento hip hop como movimento musical no Brasil ele serve pra fazer isso “pô”, pra enfrentar, pra bater de frente com

o preconceito, tá ligado? E com a desigualdade no quesito social. (MU1, 2019).

[...] Essas práticas ajudam no enfrentamento porque, como eu tinha ressaltado antes, ajuda no crescimento do pensamento, sobre si, e sobre o coletivo, sobre a comunidade quando a gente se apropria sobre o que a gente é, e do nosso espaço, aí a gente tem a oportunidade de começar a reivindicar, a refletir sobre o que tem e o que não tem, quais são as políticas que são efetivas... Consegue analisar passo a passo, fato a fato. (RQ6, 2019).

Como podemos ver na fala de RQ6, ela aborda três fatores primordiais dentro do movimento hip hop, sendo eles o cuidado sobre si, sobre a comunidade e sobre o coletivo, sendo assim a base para o pensamento positivado de atuação sobre as discrepâncias da sociedade.

Assim, entende-se que a cultura hip hop desenvolve o olhar crítico e autônomo sobre as práticas de desenvolvimento pessoal, ou seja, quando Snyders (1981) fala sobre a autoafirmação nascidas a partir dos interesses e curiosidades.

A partir dos dizeres de Scherer-Warren (1987), na prática do hip hop é perceptível que os participantes ainda se preocupam quanto ao enfrentamento ao poder central a partir do movimento, mesmo com o frequente preconceito ligado ao hip hop.

Outro fator emergente a partir das entrevistas realizadas foi o fator de desigualdade de gênero dentro do movimento hip hop, no qual há a forte luta para o desenraizamento de tal preconceito e a constante revolta do grupo de mulheres que por séculos luta por igualdade, há assim a sintetização de tal pensamento:

A relação entre homens e mulheres parece ser boa até o momento que as mulheres começam a questionar as relações desiguais, lutam pelos mesmos espaços de participação, adquirem certa posição de destaque e liderança pela atividade que desenvolvem. (MATIAS & MENEZES, 2014, p. 711).

Com a forte existência de preconceitos ligados à jovem mulher inserida no meio do hip hop, identificamos a importância da não desistência dessas jovens perante a luta para alcançar o tão almejado espaço de atuação e reconhecimento como geradora de expressões artísticas e pensamentos críticos para a sociedade, ou seja, a percepção de seu protagonismo em relação às lutas e ações de caráter político-cultural. Trazendo assim incentivo a outras mulheres desenvolverem suas formas de empoderamento através do movimento social.

Infelizmente o machismo também tá enraizado em algumas meninas, pela situação, tem a questão da educação em casa, do ambiente que elas vivem, né? A gente não pode julgá-las mas é importante a gente pontuar que algumas mulheres, tem o machismo em si mesmo, sabe? E a gente com o movimento hip hop, tem a possibilidade de pelo menos discutir esses assuntos e trazer essas meninas pra refletir um pouco sobre o que é o machismo, o que é a mulher na atual conjuntura, sabe? E como que a gente pode fazer além disso é informar essas meninas da situação que elas atualmente estão, tá ligado? Que é uma situação de tá sendo manipulada, ou perpetuando uma cultura que já é machista e patriarcal como a gente já sabe e até nisso o movimento é interessante, que ele consegue inclusive tratar essas questões. (RQ6, 2019)

Na cultura hip hop, nós que somos mulheres, temos uma barreira muito grande, temos uma dificuldade que é intensa, muito grande mesmo e a gente desde nova, desde os 13 anos de idade que a gente é da cultura hip hop e a gente nunca teve uma oportunidade de secretaria nenhuma, de nada. E quando a gente teve uma oportunidade foi pra que alguém chegasse pra nos julgar e dizer que a gente “tava” fazendo errado, entendesse? A gente que é mulher é julgada muito mais [...] (DR7, 2019).

A partir desses relatos podemos ver que o hip hop ainda nos dias de hoje sofre com os pensamentos machistas enraizados por meio da sociedade, e que ainda são presentes mesmo em um movimento social que visa a busca por igualdade para os grupos sociais, criticidade e entendimento de diferentes assuntos a seus diversos participantes como forma de união e resistência às discrepâncias historicamente vivenciadas pela sociedade.

4.3 O HIP HOP E AS MUDANÇAS PESSOAIS

Outra categoria de análise criada a partir das perguntas existentes nas entrevistas realizadas se deu pelo questionamento “Você percebeu alguma mudança pessoal a partir da sua inserção no movimento?”, alguns fragmentos das respostas coletadas podem ser vistos abaixo:

QUADRO 3 – Percepção de Mudanças Pessoais Após a Inserção no Movimento Hip Hop		
Sujeitos	Presente no Movimento	Visão dos Sujeitos
MU1	SIM	“... A mudança pessoal é essa “pô”, diferente de outros movimentos que rolam por ai, a gente é exemplo “pô”.”.
HO2	SIM	“Eu comecei a enxergar o mundo diferente, no meu

		caso, da arte, eu vejo como ainda o grafite é discriminado, como a galera julga o movimento do grafite...”.
IR3	SIM	“Percebi muita mudança “véi”, além de tudo um pouco mais de mente aberta, da minha parte. De conhecimento através do hip hop, da cultura do hip hop, né”.
MK4	SIM	“... Eu mudei pra porra depois que eu comecei a mexer com o rap, eu vejo o mundo com um olhar totalmente diferente do que eu via antes “pô”.”.
FR5	SIM	“... Antes eu vivia sem pensar no próximo, eu não segurava uma porta pra alguém que ia passar depois...”.
RQ6	SIM	“... A maior mudança que eu percebi em mim, a partir do meu ingresso no movimento hip hop foi à questão mais da consciência de espaço...”.
DR7	SIM	“Depois que o hip hop entrou na nossa vida a gente começou a entender que a gente tem direitos, a gente não tá desamparada...”.

Fonte:
Elaborada
pela
pesquisadora
a partir das
entrevistas
realizadas -
2019

Com isso foi identificado que todos os sujeitos perceberam mudanças sobre si a partir da sua inserção no hip hop. Como afirmado por MU1 há a ênfase de tornar-se exemplo para as futuras gerações que terão acesso as produções artísticas advindas do movimento. Já na fala de HO2, fica evidenciado o aguçamento do senso crítico e da capacidade de localizar atitudes discriminatórias, assim como os enfrentamentos aos privilégios. Na fala de IR3, é notável o desenvolvimento da flexibilidade e recepção a outros pontos de vista e diferentes reflexões. Pode-se notar na fala de MK4 que há uma produção de uma nova e mais potente leitura sobre a realidade, havendo ampliação de seu olhar para o mundo. Já o entrevistado FR5, apresenta o pensamento referente a ser mais solidário ao próximo e assumir mais corresponsabilidade. A RQ6 percebeu que a maior mudança em sua vida está relacionada a sua consciência de espaço e construção do caráter identitário. Já DR7 relatou que depois da sua inserção no movimento, tomou conhecimento de seus direitos perante a sociedade.

Com base nas falas de Ioris (2007) no aspecto da globalização e da cultura, podem-se basear algumas mudanças pessoais a partir das influências do meio social.

[...] Tomo a realidade cultural como uma vasta rede de significados inter-relacionados pela qual um indivíduo (ou grupo social) atribui sentido a si mesmo e à sua realidade de existência material e social, podendo, dessa forma, formular e justificar sua atuação ou intervenção nessa mesma realidade. (IORIS, 2007, p. 45).

Como visto no quadro acima, houve uma unanimidade sobre essa percepção. Porém, como nada é análogo, cada um percebeu formas de diferenciação entre essas mudanças, com isso foram selecionadas algumas respostas para dar ênfase a tal categoria. Como por exemplo:

[...] A gente que é jovem tem a necessidade de se expressar, independente de qual seja o meio que a gente se expressa a gente tem que tá acobertado porque a lei, os estatutos dão guarida pra que a gente esteja acobertado nas nossas práticas, né? De cultura, educação e tal. E quando eu ingressei no movimento foi quando eu comecei a me perceber como uma cidadã de direito, em saber que eu tenho direito a ir lá e ocupar espaços públicos, eu tenho direito a que o Estado e a comunidade invistam em mim, porque a partir desse investimento em mim, eu posso mudar a realidade de algumas pessoas. Não posso mudar a de todas, mas posso ser um ponto de partida de na mudança de algumas pessoas do meu bairro, sabe? E isso é o massa do movimento hip hop, que quando a gente começa a dançar, ou a gente começa a fazer um grafite, ou a gente começa a arte de um dj, ou um mc, a gente começa a ocupar espaços e através da ocupação desses espaços a gente começa a vislumbrar e pensar “porra, eu preciso que esses espaços sejam seguros, que eles incentivem meu crescimento intelectual e pessoal, tá ligado? E me torna cidadão de direito. (RQ6, 2019).

[...] Eu mudei pra porra depois que eu comecei a mexer com o rap, eu vejo o mundo com um olhar totalmente diferente do que eu via antes “pô”. Antigamente eu aceitava ouvir coisas que hoje em dia eu se “pá” dou uma voadora se alguém me fala. (MK4, 2019).

[...] Percebi muita mudança “vei”, além de tudo um pouco mais de mente aberta, da minha parte, de conhecimento através do hip hop, da cultura do hip hop, né e assim como também repassar um pouco de informação pra aquela galera que não tem tanto, através das minhas letras também, informar um pouco do que eu sei, um pouco do que eu aprendi através do hip hop. (IR3, 2019)

A partir dos fragmentos vistos, podemos ligá-los a fala de Picolotto (2007), quando fala da expansão dos limites e novas criações de produções e pensamentos,

há a percepção de que todos os envolvidos no movimento hip hop notaram mudanças a partir do ingresso no movimento. Assim fica constatado a evolução pessoal crítica e autônoma dos atuantes, tendo em vista as ideias de que antes não tinham um conhecimento de forma crítica sobre distintas áreas de socialização que hoje já são existentes em si mesmos, como a compreensão de seus direitos e deveres.

Portanto, podemos perceber a importância do movimento na vida dos participantes, uma vez que foram afetados pelas práticas educativas do movimento que proporcionaram perspectivas de vida mais ampla.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, considerando a complexidade em torno do tema abordado, no qual expomos a importância da desmarginalização e enfrentamento dos preconceitos enraizados pela sociedade e sentidos na pele pelos participantes do movimento, tendo assim a compreensão de que há sim grupos excluídos pela sociedade e que necessitam de atenção para haver enriquecimento em diversos aspectos.

A partir da pesquisa, vimos que há a existência da atitude positiva dos atuantes em relação às suas entradas no coletivo do hip hop e pudemos analisar criticamente as suas falas em relação aos questionamentos, como visto anteriormente. Enfatizando a existência de práticas educativas, fator de enfrentamento às desigualdades e também mudanças pessoais, tais sendo proporcionadas a partir do ingresso no movimento. Das quais os dados aqui expostos, deixam evidente a importância das diferentes formas de aprendizagens, da socialização como promotor de tal e diferentes práticas educativas, como o entendimento de haver uma extrema importância em trazer as vivências dos jovens para o contexto educativo como forma de incentivo ao interesse educacional.

A pesquisa também mostrou que mesmo com níveis de escolarização diferentes entre nossos entrevistados, o fator não interferiu em suas respostas sobre o que estava sendo questionado. Porém, uma variável emergente a partir das afirmações dos entrevistados foi à questão de gênero, na qual ficou evidente que mesmo em um movimento que visa o enfrentamento às desigualdades, ainda é presente a questão da desigualdade dos gêneros.

Enfatizamos também a importância do movimento na vida dos jovens periféricos e atuantes, por ser um movimento que funciona mais efetivamente na prática, pois não há espaços para haver uma sistematização da teoria antes de colocar os elementos em prática, havendo assim a necessidade da utilização de espaços públicos para praticarem os elementos. Fica a indagação do fator *hip hop* como instância educativa em âmbitos formais, e/ou a disponibilização de espaços para instigar ainda mais a utilização de um dos movimentos mais famosos do mundo como promotor de educação.

Com isso, deixamos para investigações futuras um aprofundamento sobre a falta de espaço para a realização de práticas dos elementos do movimento *hip hop* e como a necessidade de autorização para utilizar esses espaços livremente poderia vir a ser um impulsionamento importante para a sociedade, ajudando assim a desmistificar o sentimento de que quem pratica o hip hop “está fazendo algo errado”, ainda existente em nossa sociedade.

REFERÊNCIAS

AFONSO, A. J. Sociologia da educação não escolar: reatualizar um objeto ou construir uma nova problemática?. In: ESTEVES, A. J.; STOER, Stephan R. (orgs). **A Sociologia na escola: professores, educação e desenvolvimento**. Porto: Afrontamento, 1992. P, 81-96.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M.. **Fragmentos do discurso cultural: por uma análise crítica do discurso sobre a cultura no Brasil**. In: NAUSSBAUMER, Gisele Marchiori (Org.). Teoria e Políticas da Cultura: uma visão multidisciplinar. Coleção Cult. Salvador: EDUFBA, 2007.

COSTA, M. R.; MENEZES, J. A. **Os Territórios de Ação Política de Jovens do Movimento Hip-Hop**. Revista Em Pauta. v.6, n.24, dez. 2009, p. 200.

_____. M. R.; MENEZES, J. A.; FERREIRA, D. F. T. **Escola e Movimento hip hop: o campo das possibilidades educativas para a juventude**. Educação Temática Digital. v.12, n. esp., set. 2010.

DENZIN; NK & LINCOLN, YS. "Introduction: Entering the field of qualitative research." Handbook of Qualitative Research. Thousand Oaks: Sage Publications, 1994, p. 1.

GADOTTI, M. **A questão da educação formal/não formal**. Suíça, 2005.

GOHN, M.G. **Educação não formal e cultura política**. São Paulo: Cortez, 1999.

GONÇALVES, S. *Hip-Hop na região metropolitana do Recife: Identificação, Expressão Cultural e Visibilidade*. 2004. 188 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2004.

IORIS, R. R. **Culturas em choque: a globalização e os desafios para a convivência multicultural**. São Paulo: Annablume, 2007, p. 45.

LA BELLE, T. **Nonformal Education in Latin American and the Caribbean. Stability Reform or Revolution?**. New York: Praeger, 1986.

LIBÂNEO, J. C. **Pedagogia e Pedagogos, para quê?** 12. Ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MATIAS-RODRIGUES, M. N. & MENEZES, J. A. (2014). **Jovens mulheres: reflexões sobre juventude e gênero a partir do Movimento Hip Hop** Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud, 12 (2), pp. 703-715.

MELO, I. **Arte e Educação, o poder da transformação**. Hoje em Dia, 2018. Disponível em: <https://www.hojeemdia.com.br/opini%C3%A3o/colunas/irlan-melo-1.540331/arte-e-educa%C3%A7%C3%A3o-o-poder-da-transforma%C3%A7%C3%A3o-1.602945> Acessado em: 20/11/2018.

MINAYO, M. C. S. (org). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: vozes, 1994, p. 70.

MOURA, R. *Novos olhares, Novas costuras... O movimento hip hop e suas práticas educativas na escola*. 2015. 173 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2015.

PICOLOTTO, E. L. **Movimentos sociais: abordagens clássicas e contemporâneas**. Revista Eletrônica de Ciências Sociais, ano 1, n. 2, nov. 2007. Disponível em: www.csonline.ufjf.br/artigos/arquivos/edicao2/artigos/CSO2_priscila Acessado em: 20/11/2018.

SCHERER-WARREN, I. **O caráter dos novos movimentos sociais**. In: KRISCHKE, P. J.; SCHERER-WARREN, I. (Org.). *Uma revolução no cotidiano?: os novos movimentos sociais na América Latina*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

SILVA, T. T. **Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo**. 3. ed.; 10 reimp. - Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

_____. **Teoria Cultural e Educação: Um vocabulário Crítico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

SNYDERS, G. **La joie à l'école**. Paris: P.U.F., 1981, p. 3.